



---

**O PAPEL DA COMPETIÇÃO INFANTIL DE TÊNIS  
NO DESENVOLVIMENTO DOS FUNDAMENTOS  
TÉCNICO-TÁTICOS BÁSICOS**

---

THE ROLE OF THE TENNIS COMPETITION  
FOR CHILDREN ON THE BASIC  
TECHNICAL AND TACTICAL  
FUNDAMENTS DEVELOPMENT

---

EL PAPEL DE LA COMPETENCIA DE TENIS  
PARA NIÑOS EN EL DESARROLLO DE LOS  
FUNDAMENTOS TÉCNICOS/TÁCTICOS BÁSICOS

---

*Gabriel Henrique Treter Gonçalves<sup>1</sup>,  
Caio Correa Cortela<sup>1</sup>,  
Roberto Tierling Klering<sup>1</sup>,  
Rodrigo Vieira Bulso<sup>1</sup>,  
Carlos Adelar Abaide Balbinotti<sup>1</sup>*

**RESUMO**

No ano de 2012, a Federação Internacional de Tênis alterou o modelo competitivo infantil de tênis, dividindo-o em três categorias etárias: "até 8 anos", "9 anos" e "10 anos". Cada categoria passou a ter adequações específicas em relação ao modelo competitivo anterior. Neste caminho, o estudo buscou responder a seguinte questão norteadora: as modificações realizadas no modelo competitivo infantil de tênis estão de acordo com os objetivos de formação dos fundamentos técnico-táticos básicos do tênis infantil? Foram entrevistados onze treinadores (sete mulheres e quatro homens) de tênis de clubes e academias de tênis da cidade de Porto Alegre, RS – Brasil, com experiência no ensino do tênis infantil. Os resultados indicam uma relevante melhora no desenvolvimento dos conteúdos técnico-táticos básicos do tênis em relação ao modelo competitivo anterior. No entanto, alguns ajustes ainda são sugeridos pelos treinadores, principalmente para as categorias “até 8 anos” e “10 anos”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tênis. Competição. Crianças.

**ABSTRACT**

In the year 2012 the International Tennis Federation changed the children's competitive model of tennis, splitting into three aged categories: “8 and under”, “9 years old” and “10 years old”. Each category now has specific adjustments when compared to the previous competitive model. Thus, this study tries to answer the following question: Are the adjustments made for the children's competitive model of tennis according to the goals of formation of the technical and tactical basic fundamentals of tennis? Eleven tennis coaches (seven women and four men) from clubs and academies from Porto Alegre, RS – Brazil were interviewed. All of them had experience in coaching tennis for children. The results indicate a relevant improvement on the development of the tennis' technical and tactical basic fundamentals when compared to the previous competitive model. However, some adjustments are suggested by the coaches, especially for the “8 and under” and “10 years old” categories.

**KEYWORDS:** Tennis. Competition. Children.

---

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul – Brasil

**Contato:** gabrielhtg@gmail.com

**Submetido em:** 11 mar. 2016 **Aceito em:** 13 jun. 2016



## RESUMEN

En el año 2012 la Federación Internacional de Tenis modificó el modelo de competencia de los niños, dividiéndolo en tres categorías: “8 años y menores”, “9 años” y “10 años” de edad. Cada categoría ahora tiene un ajuste específico al compararlo con el modelo competitivo anterior. Sin embargo, este estudio pretende responder la siguiente pregunta: ¿Están los cambios realizados al modelo competitivo de acuerdo con los objetivos de formación en la parte técnica/táctica del tenis? Once entrenadores (7 mujeres y 4 hombres) de distintos clubes y academias de Porto Alegre, RS Brasil fueron entrevistados. Todos ellos/as tienen experiencia como entrenadores de tenis para niños. Los resultados indican una importante mejora en el desenvolvimiento en los fundamentos de los niños en la parte técnica/táctica comparado al modelo anterior. No obstante, algunos ajustes están sugeridos especialmente a los entrenadores en las categorías “menores de 8 años” y “10 años” de edad.

**PALABRAS CLAVE:** Tenis. Competencia. Niños.



## INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda as competições infantis de tênis quanto ao desenvolvimento dos fundamentos técnico-táticos básicos do tênis. Os fundamentos técnico-táticos básicos do tênis compreendem os golpes de base (*forehand* e *backhand*), os golpes de rede (voleios e *smash*) e o saque, bem como noções de movimentação e posicionamento em quadra, direcionamento e altura dos golpes e manter a bola em jogo.<sup>1-2</sup> O desenvolvimento desses fundamentos no tênis infantil deve ser propiciado tanto pelas atividades de ensino/treinamento quanto por suas atividades competitivas.

De acordo com Marques<sup>3</sup> as competições devem complementar e dar continuidade às atividades de ensino/treinamento em cada etapa da formação esportiva em longo prazo. Assim, enquanto que os métodos de ensino buscam novos meios para desenvolver o tênis infantil, as competições também devem avançar nesse sentido. Neste caminho, o ensino por meio de jogos reduzidos, trazendo as características do esporte, mas, ao mesmo tempo, respeitando as condições cognitivas e motoras das crianças, é defendido pela literatura especializada.<sup>3-6</sup>

No entanto, por muito tempo a progressão do treinamento se baseou nos preceitos da adequação, não considerando, entretanto, a formatação das competições.

Anos e anos a fio pensamos toda a organização do esporte da criança não cuidando de saber qual a relação que existe entre o treino e a competição nas diferentes fases da preparação. Concebemos o treino, em cada uma das suas fases, ajustando-o às possibilidades da criança e dos adolescentes em desenvolvimento, esquecendo que o mesmo deveria ter sido feito relativamente à competição.<sup>3</sup>

Assim, observa-se que a competição deve ser estabelecida a partir dos conteúdos do treino, considerando as necessidades, expectativas e possibilidades de crianças e adolescentes, bem como de acordo com seus objetivos de formação.<sup>3</sup>

A reprodução do modelo competitivo adulto e a busca por resultados em curto prazo podem comprometer o desenvolvimento de crianças e adolescentes em diferentes aspectos: físico, motor, psíquico e social – contrariando os pressupostos e objetivos da formação esportiva na infância e juventude. A organização da competição infanto-juvenil à imagem do modelo





formal tende a valorizar mais os aspectos biológicos associados ao desempenho, como, por exemplo, a maturação, deixando de lado fatores de ordem ética, pedagógica e de saúde.<sup>7</sup>

Milistetd et al.<sup>8</sup> verificaram uma série de adequações estruturais e funcionais nas competições esportivas infanto-juvenis. As Adequações Estruturais (AE), dizem respeito aos formatos de disputa, dimensões da quadra, materiais utilizados e o sistema de pontuação dentro das competições. Já no caso das Adequações Funcionais (AF), estas estão relacionadas às alterações das regras e condições dos jogos conforme cada categoria. Neste sentido, Milistetd et al.<sup>8</sup> observaram que, no tênis, não há uma reestruturação das competições adultas conforme as crianças.

Contudo, desde a década de 1960 encontram-se registros de exhibições de formas reduzidas do jogo de tênis – o Minitênis. Essa prática se tornou mais popular por volta das décadas de 1980 e 1990, quando países tradicionais no tênis como França e Espanha passaram a utilizá-la em seus programas de ensino. Esses métodos de ensino preconizavam a prática do jogo desde os primeiros contatos com o esporte. Para tanto, promoviam diversas AE, como a adequação das dimensões das quadras e dos materiais.

Espelhando-se no sucesso desses países, em 2007, a Federação Internacional de Tênis lançou o programa de ensino chamado *Play and Stay* (PAS). O PAS tem como objetivo ensinar o tênis por meio de jogos, utilizando quadras reduzidas, raquetes menores e mais leves, bem como bolas mais lentas e macias. Esse programa passou a ser amplamente difundido, principalmente entre os países que não possuíam programas próprios para o ensino do tênis. No entanto, apesar de muitos treinadores de tênis já utilizarem estes recursos com crianças e adolescentes nas sessões de prática, as competições ainda reproduziam o modelo adulto no mundo inteiro. Assim, em 2012, a própria Federação Internacional de Tênis<sup>9</sup> alterou as regras para as competições de crianças de até 10 anos, criando três categorias etárias de competição: "até 8 anos", "9 anos" e "10 anos", constituindo o *Tennis 10's*.

Considerando as alterações ocorridas nas competições para crianças até 10 anos e do seu impacto no desenvolvimento dos fundamentos técnico-táticos básicos do tênis, o presente estudo buscou responder a seguinte questão norteadora: as adequações realizadas pelo PAS



estão de acordo com os objetivos de formação no que diz respeito aos fundamentos técnico-táticos básicos no tênis infantil?

## MÉTODO

### Caracterização do estudo

O estudo, de cunho qualitativo, também se caracteriza como sendo descritivo e exploratório; tendo sido realizado por meio de entrevistas semiestruturadas com especialistas<sup>10</sup> – treinadores especializados no ensino do tênis infantil.

### Participantes

Participaram do estudo onze treinadores da cidade de Porto Alegre, RS – Brasil, especialistas no ensino do tênis infantil. Dentre eles, sete mulheres e quatro homens. Todos possuíam registro no Conselho Regional de Educação Física. Três, dos onze entrevistados, eram provisionados e trabalhavam no ensino do tênis para crianças há mais de vinte anos, sendo que dois deles foram atletas profissionais e um iniciou a carreira após um primeiro contato com a modalidade na função de pegador de bolas. Os demais possuíam formação em Educação Física. Todos os educadores físicos possuíam experiência anterior como jogadores em nível amador, com exceção de um, que teve o primeiro contato com a modalidade durante a graduação. Cabe destacar que todos os entrevistados concluíram cursos de aperfeiçoamento no ensino do tênis, destacando-se os cursos de formação de treinadores realizados pela Confederação Brasileira de Tênis (CBT), sendo um deles, inclusive, um dos capacitadores nacionais CBT. Cinco dos treinadores possuíam certificados de pós-graduação, destacando-se os cursos em motricidade infantil e treinamento esportivo. Os entrevistados apresentaram uma média de 17,81 anos de experiência, indo ao encontro da sugestão de Ericsson<sup>11</sup> que afirma que é necessário, aproximadamente, 10 anos de experiência e dedicação em uma área para ser considerado *expert*. O tempo de atuação também é relevante para o estudo na medida em que os participantes passaram, de fato, pela transição entre os modelos competitivos (anterior e vigente). Ainda, destaca-se que todos os entrevistados se dedicavam profissionalmente apenas a esta modalidade, sempre como treinadores de tênis de crianças e adolescentes, e, em quatro casos, também como coordenadores de suas respectivas escolas de tênis.



## Instrumento

Como instrumento de pesquisa foi criado um roteiro de entrevista semiestruturado composto por 4 itens. Estes itens foram submetidos a um processo de validação de conteúdo, o qual analisou a clareza de linguagem e pertinência prática de cada um deles.<sup>12</sup> Todos os itens apresentaram índices “quase perfeitos” (CVC > 0,80).

## Procedimento de coleta de dados

No que diz respeito à coleta dos regulamentos das competições do *Tennis 10's*, estes foram buscados junto à Federação Internacional de Tênis. Para o acesso às informações foi consultado o site da entidade (<http://www.tennisplayandstay.com>).<sup>13</sup>

Em relação ao contato com os treinadores, foi acessado o site da Federação Gaúcha de Tênis (<http://www.tenisintegrado.com.br/clube/index>)<sup>14</sup> no intuito de localizar, primeiramente, as escolas de tênis. Por meio das escolas de tênis foi possível realizar o primeiro contato com os treinadores. Neste momento foi, explicado aos treinadores os objetivos do estudo e perguntado se teriam o interesse em contribuir. Aos treinadores que aceitaram participar, foi agendado o encontro para a realização da entrevista. No dia da entrevista foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi assinado, autorizando a divulgação das informações para finalidades científicas.

A aplicação das entrevistas foi realizada individualmente, sempre pelo mesmo entrevistador/pesquisador. As entrevistas foram gravadas com um gravador digital de áudio para que não fossem perdidos dados importantes. Após a gravação das entrevistas, foram realizadas as transcrições e análises dos conteúdos orais. Concluídas as transcrições, essas foram encaminhadas aos entrevistados. Assim, puderam avaliar o conteúdo transcrito, refutando-o, aprovando-o ou aprovando-o com correções. Conforme previamente acordado, foram respeitados os critérios de confidencialidade e privacidade, mantendo suas identidades em sigilo e utilizando apenas informações que os treinadores concordaram em expor.

Cabe ressaltar que o número de entrevistados não foi definido *a priori*. Foram realizadas entrevistas até que ocorresse a saturação das informações, identificada a partir de padrões simbólicos, práticos, sistemas classificatórios, categorias de análise da realidade e recorrências.<sup>15</sup>





### **Procedimento de análise dos dados**

A análise de conteúdo das entrevistas foi realizada a partir de uma metodologia essencialmente qualitativa, onde os conteúdos foram codificados, classificados, analisados e interpretados. Durante todo o processo de análise dos dados houve a codificação e classificação de trechos das entrevistas conforme as categorias pré-definidas – Adequações Estruturais e Adequações Funcionais. Além disso, conforme Bardin,<sup>16</sup> foram estabelecidas subcategorias para uma melhor atribuição de significado aos dados.

### **Procedimentos éticos**

Foram observadas as questões éticas inerentes à pesquisa com seres humanos conforme previsto na Resolução do Ministério da Saúde nº 466/2012. Cabe ressaltar que a presente pesquisa faz parte de um projeto guarda-chuva, intitulado “Modelos de competições esportivas para crianças e jovens: um estudo descritivo-exploratório”, e que o mesmo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob o número de protocolo 271526.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **As competições de tênis e o desenvolvimento dos fundamentos técnico-táticos**

#### *Categoria “até 8 anos”(Estágio Vermelho)*

Para a categoria “até 8 anos” o PAS propõe uma série de AE em relação ao modelo competitivo adulto, como a utilização de bolas mais lentas, dimensões de quadra e rede diferenciadas, e raquetes menores<sup>17-19</sup> (QUADRO 1). O PAS também propõe alterações nos formatos competitivos, sugerindo disputas por equipes, em formato *Round Robin*, evitando as competições com eliminatória simples. As contagens também devem ser modificadas, utilizando-se disputas por meio de um *tiebreak* até 7 ou 10 pontos, melhor de três *tiebreaks* até 7 pontos, um set curto até quatro games, ou partidas por tempo.<sup>9,20</sup>



## QUADRO 1 – Materiais e instalações para competições até 8 anos (Estágio Vermelho)

Categoria competitiva	Bola	Quadra	Altura da rede	Raquetes
8 anos	Espuma ou feltro vermelho (75% mais lenta*)	11 x 5,5 m	80 cm	43 a 58 cm

**Legenda:** \*Em comparação à bola oficial (convencional amarela).

No que diz respeito às AF, que correspondem às adequações relativas a alterações das regras e condições dos jogos, o PAS não apresenta propostas de alterações para a categoria “até 8 anos”. A utilização de partidas por tempo poderia ser considerada uma AF, caso a proposta de emprego desse formato de disputa fosse adotada visando modificar a dinâmica do jogo convencional. Nesse contexto, os tenistas buscariam tirar proveito do fator tempo (p.ex.: os tenistas em desvantagem no placar seriam “forçados” a adotarem uma postura mais ofensiva durante os pontos, enquanto os tenistas em vantagem fariam uso de bolas mais altas e profundas visando prolongar o tempo dos *rallys*). No entanto, da forma como se encontra descrita, essa adequação apresenta-se apenas como mais um formato de competição, caracterizando-se como uma AE.

A maior parte dos entrevistados (oito dos 11) afirmou estar “100% de acordo” (ENTREVISTADO 1) com as AE estipuladas para as competições. Por ser uma categoria para crianças iniciantes na prática do tênis, as AE propostas para o Estágio Vermelho satisfazem as necessidades de aprendizagem desses praticantes.

Fica bem proporcional mesmo. As crianças bem pequenas com a bola vermelha. A bola quica e fica na altura da cintura. Assim eles têm muita facilidade. E o mais legal: fica tão fácil que eles passam a arriscar mais (ENTREVISTADO 9).

As bolas de baixa pressão são consideradas pela ITF como a chave para desenvolver jogadores iniciantes, técnicas eficientes e táticas avançadas.<sup>17,18,6</sup> As bolas mais lentas propiciam um maior tempo para a realização dos golpes, contribuindo para o aumento do número de trocas de bola.<sup>19,21</sup>

Além desses fatores, ela também colabora para a adoção de empunhaduras mais adequadas nos golpes de fundo de quadra (*forehand* e *backhand*). Segundo Newman,<sup>19</sup> o desenvolvimento das bolas de baixa pressão foi pensado tendo a estatura das crianças como





referência, adaptando-se o ressaltado da bola proporcionalmente a essa estatura. Assim, observa-se que o ressaltado desse material adaptado possibilita às crianças impactarem a bola num ponto mais baixo, próximo da linha da cintura, evitando a utilização de empunhaduras extremas em idades precoces.<sup>19</sup>

As bolas vermelhas, especificamente, proporcionam um ponto de contato ainda mais baixo, realizado frequentemente entre a altura dos joelhos e a primeira costela. Essa característica, associada as demais AE, condiciona os descolamentos e as ações técnico-táticas que ocorrem nesse contexto de jogo. De acordo com a ITF,<sup>20</sup> o quique mais baixo da bola vermelha contribui para que maior parte do jogo ocorra com trocas de bolas de fundo de quadra e com descolamentos laterais.

O Entrevistado 3 ressaltado a sua preferência pela bola de espuma, a qual facilitaria ainda mais a realização dos primeiros gestos técnicos. O mesmo entrevistado também sugere uma AF para esta categoria, abrindo a possibilidade da execução de até três saques por ponto, no intuito de facilitar o início do jogo.

Dois entrevistados ressaltaram que talvez fosse necessária alguma mudança nas dimensões da quadra de jogo. Os Entrevistados 7 e 11 acreditam que a proposta de quadra para esta categoria poderia ser maior, mas, ainda assim, creem ser possível desenvolver muito bem os tenistas.

A criança possui movimentos muito amplos, solta o braço. Ela não possui muita motricidade fina, capacidade de mandar a bola mais curtinha. Então, no início, na quadra reduzida, prejudica. [...] algumas acabam encurtando o golpe. [...] Mas com certeza a quadra é boa (em outros aspectos)... para acertar o saque é mais perto, a rede é menor, etc. [...] (ENTREVISTADO 11).

Por ser uma categoria que permite que crianças de quatro/cinco a oito anos participem, o que para uma é ideal, para a outra pode ser insuficiente. De fato, essa faixa etária apresenta uma grande variabilidade em aspectos do desenvolvimento físico e motor.<sup>22-24</sup> Portanto, deve-se ter muito cuidado ao se estabelecer competições com grande amplitude etária.

Seis entrevistados ressaltaram que algumas crianças mais jovens possuem capacidade para jogar em categorias acima da indicada pelo PAS.



Eu acho que deve ser de acordo com a capacidade dela (criança), pois, por exemplo, eu tenho um aluno de seis anos que já joga na quadra de 18 metros (Estágio Laranja), mas ele tem que jogar o campeonato no Estágio Vermelho (ENTREVISTADO 8).

De acordo com a fala dos treinadores é possível observar que, a idade cronológica não demonstra ser o melhor indicador para a definição da categoria de competição, o que vai de encontro às recomendações propostas pela ITF. Apesar de reconhecer que alguns tenistas, após cumprirem todos os requisitos de um determinado estágio, poderão avançar a etapa seguinte antes da idade recomendada, a ITF preconiza que essas mudanças deverão basear-se prioritariamente na idade cronológica, e desencoraja as passagens de estágio fundamentadas nas competências adquiridas.<sup>20</sup>

No entanto, é preciso considerar que as competências a serem adquiridas no Estágio Vermelho são elementares à formação dos tenistas. De acordo com a ITF<sup>20:69</sup>

criando uma base simples para movimentar-se, frear, golpear e se recuperar, mantendo um ponto de contato constante nos golpes de forehand e backhand, os jogadores terão uma boa base para as exigências dinâmicas para a etapa seguinte.

Tendo como base essas competências e a fala da maior parte dos treinadores entrevistados, que relataram trabalhar com tenistas mais jovens e que já adquiriram as competências estabelecidas para o Estágio Vermelho, observa-se que a transição para o estágio seguinte não deveria estar subordinada a idade cronológica apresentada momentaneamente.

De fato, um tenista que começa a prática da modalidade, com a idade sugerida pela literatura<sup>1, 25-26</sup> – por volta dos seis anos de idade –, aos oito poderá apresentar condições e necessidade de um espaço maior, para que possa imprimir velocidade na execução da técnica básica. Nessa mesma direção, é preciso considerar que uma criança devidamente engajada em um processo de preparação esportiva a longo prazo poderá sacar com demasiada velocidade e utilizar o jogo de rede excessivamente, inviabilizando os *rallys* nessas condições de jogo.

Dessa forma, verifica-se que as competições no Estágio Vermelho parecerem contribuir por um período reduzido de tempo, sendo recomendadas às crianças que iniciaram a prática da modalidade há menos tempo. Ao serem capazes de manter a bola sob controle nos golpes



básicos de saque, *forehand*, *backhand* e voleios, as mesmas poderiam transitar gradativamente para o Estágio Laranja.

#### *Categoria “9 anos” (Estágio Laranja)*

Nas competições, o PAS também propõe diversas AE à categoria “9 anos”, como a utilização de bolas mais lentas, dimensões de quadra e rede diferenciadas, e raquetes menores.<sup>17,18,19</sup> Segundo Farrow e Reid<sup>27</sup> essas AE contribuem tanto para a melhoria na aquisição das habilidades técnicas, quanto para o aumento na motivação dos praticantes (QUADRO 2). Ainda sob o ponto de vista das AE, os formatos de competição sugeridos são similares aos da categoria até 8 anos, observando-se apenas as exclusões das partidas disputadas em um *tiebreak* de sete ou 10 pontos e das partidas por tempo.<sup>9</sup> Tal qual observado no estágio anterior, não foram encontradas sugestões de AF para o Estágio Laranja.

QUADRO 2 – Materiais e dimensões das competições para categoria 9 anos (Estágio Laranja)

<b>Categoria competitiva</b>	<b>Bola</b>	<b>Quadra</b>	<b>Altura da rede</b>	<b>Raquetes</b>
<b>9 anos</b>	Feltro (50% mais lenta)*	18 x 6,5 m	80 cm**	58 a 63 cm

**Legenda:** \* Em comparação à bola oficial (convencional amarela).

\*\* No centro.

Comparado ao Estágio Vermelho, as AE observadas para o Estágio Laranja proporcionam mais velocidade ao jogo e um espaço maior para que as ações ocorram, modificando o contexto competitivo. De acordo com a ITF,<sup>20</sup> os jogos nessas condições se desenvolvem em um contexto mais dinâmico do que o estágio anterior. O aumento do tamanho da quadra exige que os deslocamentos sejam feitos em outras direções, com especial atenção as corridas em direção à rede. Com a quadra maior, a preparação dos golpes fica mais ampla, visando propiciar maior rotação e potência aos golpes. A melhor capacidade de gerar rotações, especialmente o *top spin*, faz com que o ponto de contato nos golpes básicos de fundo de quadra também se altere, observando-se um grande aumento no número de impactos realizados próximos a altura dos ombros.

Considerando-se essas características e analisando a fala dos treinadores, é possível observar que os mesmos concordam com o modelo empregado atualmente para a categoria até “9



anos”. O Entrevistado 4 ressalta que em um dos cursos realizados pela ITF foi verificado que esta é a categoria que melhor possibilita a criança desenvolver padrões de jogo que serão benéficos a ela no futuro como tenista.

Apenas o Entrevistado 3, assim como na categoria “8 anos”, sugere a AF que permitiria a realização de três saques por ponto. Essa adequação poderia beneficiar principalmente as crianças que se encontram em transição do Estágio Vermelho ao Estágio Laranja, mas que ainda não possuem regularidade nesse golpe básico, considerado um dos mais complexos do tênis e determinante para o jogo.

Vários fatores podem ser citados para fundamentar essa AF. As AE realizadas para as competições em Estágio Vermelho possibilitam aos tenistas que ainda não conseguem sacar por cima serem efetivos no jogo e obterem êxito, mesmo sacando por baixo. Com o aumento no tamanho da quadra e com a maior capacidade dos tenistas de gerarem rotação e potência aos golpes, um saque por baixo, ou por cima mal executados, podem ser facilmente identificados e atacados pelo adversário, reduzindo o tempo para que o sacador se recupere e possa devolver a terceira bola. De acordo com a ITF,<sup>20</sup> os tenistas no Estágio Laranja passam a compreender e a identificar as situações propícias para o ataque e a defesa e podem tirar vantagens dessas circunstâncias. Essa situação faz com que o sacador tenha que imprimir maior velocidade ao sacar, o que aumenta as demandas da tarefa e colocam a execução do gesto técnico sob “pressão” de Tempo.<sup>28</sup>

A ampliação significativa da área de jogo também poderia ser citada como mais uma justificativa para inclusão da AF de um saque extra nas competições em Estágio Laranja. Segundo Kröger e Roth,<sup>28</sup> o aumento na distância para o alvo eleva as demandas da tarefa e ocasiona maior pressão de Precisão na execução do gesto técnico. Por fim, a ITF<sup>20</sup> ainda relata a necessidade de se impactar a bola mais alta e de melhorar o ritmo e a coordenação para o lançamento da bola no saque. Com um saque extra as “pressões” de motricidade poderiam ser amenizadas, especialmente no momento de transição entre os Estágios Vermelho e Laranja.

Além das dificuldades para sacar, Tennant<sup>29</sup> afirma que é possível que os tenistas encontrem dificuldades na transição entre esses dois estágios, especialmente nas jogadas realizadas junto à rede. No entanto, os entrevistados afirmaram, a partir de suas experiências práticas, que



nessa categoria ainda é possível realizar esse tipo de jogada, sendo muito positiva para o desenvolvimento dos fundamentos de rede, como os voleios, o *smash* e o bate-pronto.

No Estágio Laranja, como limita a lateral da quadra, a criança consegue cobrir tudo. Acho que, em contrapartida, desenvolve menos a angulação nos golpes, porque tem menos quadra para poder trabalhar. Mas acho que a questão da subida à rede, por exemplo, é muito boa. (ENTREVISTADO 5).

De acordo com Newman,<sup>19</sup> as adequações nas dimensões das quadras foram realizadas no intuito de possibilitar que as crianças fossem capazes de cobrir o espaço de jogo, tal qual um tenista adulto é capaz de fazer na quadra oficial. Com a redução no comprimento, e especialmente na largura da quadra, no Estágio Laranja o jogo de rede passa a ser uma alternativa viável para os tenistas obterem mais pontos. De acordo com Cortela et al.,<sup>6</sup> na quadra oficial de tênis as crianças têm dificuldades em obterem êxito na disputa do ponto quando realizam os golpes de rede. A baixa estatura em relação ao espaço de jogo faz com que a maior parte das bolas rebatidas pelo adversário fique fora da zona de impacto coberta pelas mesmas, desencorajando a realização desse tipo de jogada e comprometendo a adoção de um estilo de jogo completo nas etapas seguintes da preparação esportiva.<sup>6</sup>

Para amenizar o problema levantado pelo Entrevistado 5 em relação à angulação nos golpes, algumas AF poderiam ser feitas nas competições, visando estimular a frequência de ocorrência dessas jogadas durante os pontos (p. ex.: durante as trocas de bolas cruzadas, com ambos os jogadores no fundo de quadra, poderia ser utilizado o espaço extra, de 87 cm até a linha de simples da quadra convencional, para obter maior angulação e para possibilitar a criação de espaços abertos na quadra adversária, para a realização de bolas vencedoras). Esse espaço extra, na cruzada, poderia ser utilizado pelo jogador de fundo quando o adversário for à rede, estimulando a utilização dos ângulos e do padrão de jogo mais adequado para essa situação.

### *Categoria “10 anos” (Estágio Verde)*

Comparado às etapas anteriores do PAS, a competição para o Estágio Verde é a que propõe o menor número de adaptações e, conseqüentemente, mais se aproxima do jogo formal. A partir desse estágio a quadra utilizada passa ser a oficial e a principal AE observada é bola 25% mais lenta (QUADRO 3). Os formatos competitivos e de contagem sugeridos pelo PAS visam aumentar o tempo das partidas. Dessa forma, a ITF<sup>9</sup> sugere que as disputas para esse estágio sejam realizadas em um *set* curto até 4 games, ou em partidas em melhor de três *sets*



até quatro *games*, com o terceiro *set* sendo jogado no formato de *matchtiebreak* (*tiebreak* até 10 pontos). Assim como nos demais estágios, não foram encontradas sugestões de AF para as competições para o Estágio Verde.

QUADRO 3 – Materiais e dimensões das competições para categoria 10 anos

<b>Categoria competitiva</b>	<b>Bola</b>	<b>Quadra</b>	<b>Altura da rede</b>	<b>Raquetes</b>
<b>10 anos</b>	Feltro – 25% mais lenta*	Quadra oficial	91 cm**	63 a 66 cm

**Legenda:** \* Em comparação à bola oficial (convencional amarela).

\*\* No centro.

Segundo a ITF,<sup>20</sup> a passagem para o Estágio Verde pressupõe uma série de mudanças nas demandas do jogo, representando um grande desafio para os tenistas dessa idade. A quadra convencional exige maior capacidade de adaptação à distância e ao ritmo da bola. Assim, observa-se, temporariamente, um tênue retrocesso em alguns aspectos técnico/táticos até que os tenistas se adaptem ao ambiente mais exigente. Com a quadra maior e a bola mais rápida, os efeitos e a potência imprimidos na bola exercem maior influência, forçando muitas vezes o tenista a se deslocar para trás.

Na categoria "10 anos", sete dos 11 treinadores ressaltaram que algumas AE ainda são necessárias, especialmente na dimensão da quadra, a qual é exatamente igual a oficial. O esforço excessivo e a incapacidade em termos físicos, como força e resistência, são as principais justificativas. Para suprir estas carências e tornar o ambiente mais condizente com o desenvolvimento físico da criança, os Entrevistados 3 e 4 sugerem que a quadra poderia ser reduzida, tanto no fundo quanto nas laterais. Assim, segundo esses entrevistados, as crianças teriam maiores possibilidades de alcançarem as bolas e aplicarem técnicas e táticas mais realistas.

Nessa mesma direção, o Entrevistado 5 afirma que nesta quadra é muito complicado desenvolver o jogo de rede. Para tanto, também sugere a redução do comprimento da quadra.

Acho que na categoria “10 anos”, com a bola verde, a subida à rede é muito difícil. A criança sobe e o adversário joga a bola por cima [...], os guris não são grandes o suficiente. Eu acho que reduzir (a quadra), poderia ser uma solução para evitar isso, para continuar indo para a rede e a criança não





tomar o lob tão facilmente. Poderiam manter a quadra de 18 metros (Estágio Laranja) e abrir a lateral para passar a desenvolver mais a angulação (ENTREVISTADO 5).

Essa proposta de AE sugerida pelo Entrevistado 5 também poderia ser transformada em uma AF, visando estimular o desenvolvimento dos golpes de rede, (p.ex.: os jogadores que subirem à rede durante a disputa do ponto teriam de defender um espaço menor de quadra, facilitando a execução dos golpes de rede e dificultando as passadas e *lobs* dos adversários). Nesse mesmo sentido, os jogadores que quiserem sacar e ir à rede poderiam realizar o saque adentrando três metros na quadra; com isso, a chegada à rede seria facilitada e as opções de contra-ataque do adversário tornar-se-iam menos efetivas. Com AF como essas, há um maior equilíbrio entre as ações realizadas pelo jogador que está na rede e o adversário posicionado no fundo de quadra, estimulando os jogadores a tirarem vantagens táticas dessa situação condicionada de jogo e contribuindo para o desenvolvimento dos golpes de rede e consequentemente do estilo completo de jogo.

A maior parte dos entrevistados (10 dos 11 participantes) reforçou a grande contribuição que as partidas de duplas poderiam oferecer no desenvolvimento dos fundamentos técnico-táticos do tênis. Para essa faixa etária, as grandes escolas de formação reforçam que o número de partidas de duplas deve ser alto, equiparando aos dos jogos realizados em simples.<sup>30,31,26</sup>

Alguns autores destacam a importância desse formato de disputa pela variação das atividades<sup>32</sup> e pelo desenvolvimento de aspectos que não seriam desenvolvidos nos jogos de simples.<sup>34</sup> Silva<sup>33</sup> elenca três motivos para se aprender a jogar duplas:

- a) aspectos técnicos;
- b) aspectos táticos, e;
- c) aspectos psicológicos. Estes três aspectos correspondem aos pontos observados pelos entrevistados.

Apesar das recomendações, observa-se que as competições de duplas ainda são pouco exploradas nas competições infantis – os Entrevistados 1, 4 e 5 destacaram a importância desta modalidade de disputa para o desenvolvimento de técnicas que não são tão priorizadas nos jogos de simples.



Dupla seria um bom jeito de iniciar, dividindo um pouco a pressão, a responsabilidade da competição para as crianças mais novas [...]. Estimular voleio também, algumas outras valências técnicas. [...] Vão ter que jogar, familiarizar com a rede. Perder aquele mito do jogador só ir à rede para cumprimentar o adversário (ENTREVISTADO 5).

Da mesma forma, Silva<sup>33</sup> ressalta quão importante é este tipo de jogo para desenvolver o jogo de rede, movimentação para frente e para trás, a utilização dos ângulos da quadra e vivenciar alguns golpes especiais e situacionais como, *lobs*, *bate-pronto*, *passadas*, entre outros. Os entrevistados também destacaram contribuições que estas modalidades poderiam dar com relação ao desenvolvimento dos fundamentos táticos, como posicionamento em quadra e direcionamento dos golpes.

Assim como a criança vai receber na fase de aprendizagem o A B C dos fundamentos, mais adiante, entra a parte tática, e a dupla tem mais a ver com isso. Questão de posicionamento, com a questão de que golpe eu vou fazer, o que eu faço melhor, em que lugar eu vou ficar, é um ou outro jogo, mais associado à tática (ENTREVISTADO 2).

Este aspecto sob a perspectiva dos jogos de dupla pode contribuir especialmente na categoria “10 anos”, pois como verificado por alguns treinadores, a quadra parece ser grande demais nos jogos de simples, dificultando ou, em alguns casos, impossibilitando os atletas a desenvolverem técnicas eficientes de subida à rede e golpes específicos. Sendo assim, essa modalidade poderia contribuir para, desde cedo, formar um estilo de jogo completo – objetivo de muitos treinadores e pedagogos.<sup>30, 34</sup>

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base na fala dos treinadores, que são os profissionais responsáveis por colocar em ação os programas de formação esportiva, verifica-se que os mesmos acreditam que a competição de tênis infantil está contribuindo para o desenvolvimento dos fundamentos técnico-táticos, principalmente dos aspectos técnicos. Além disso, os resultados indicam uma importante melhora no desenvolvimento da técnica básica do tênis em relação ao modelo de competição anterior, o que ressalta a importância de competições adaptadas ao desenvolvimento físico e motor do público infantil.

No entanto, apesar das competições de tênis para crianças com até 10 anos de idade terem sido desenvolvido levando-se em consideração as crianças de diferentes faixas etárias,



algumas adequações ainda parecem ser necessárias para que a competição contribua de forma mais efetiva no desenvolvimento dos fundamentos técnico-táticos.

No que diz respeito às AE, alguns treinadores ressaltaram a necessidade de se rever as dimensões das quadras, especialmente na categoria “10 anos”. Os demais estágios, Vermelho e Laranja, apresentam, de forma geral, um formato adequado. As exigências técnico-táticas do Estágio Vermelho, associada às AE, fazem com que o tempo de competição necessário para o cumprimento dos objetivos dessa etapa seja mais curto que nas demais. A necessidade de aumento da largura da quadra para o Estágio Laranja, levantada por um dos entrevistados, poderia ser suprida através de AF, que permitissem a utilização de um espaço diferenciado apenas para condições de jogo pré-determinadas, como abertura de ângulos e passadas cruzadas, por exemplo.

Nenhum entrevistado citou a possibilidade de realização de AE combinando a utilização de bolas e quadras de estágios diferentes. Diversos estudos<sup>2, 27, 35-36</sup> têm apontado para os benefícios e para o impacto positivo das AE, especificamente relacionados à utilização de quadras e bolas adaptadas. Porém, em todos esses trabalhos o grupo experimental submetido às AE foi comparado aos que utilizam bolas e/ou quadras oficiais (convencionais), permanecendo em aberto a possibilidade de outras formas de AE que pudessem contribuir ainda mais para o desenvolvimento dos fundamentos técnico-táticos básicos, especialmente no momento de transição entre os estágios.

As AE propostas pelo PAS para as raquetes, não receberam a mesma atenção dada pelos treinadores às bolas e as quadras. Os treinadores apenas citavam a importância de utilizar raquetes adaptadas, não relacionando as medidas às recomendações sugeridas para cada estágio, como observado nas demais AE.

O PAS não apresenta sugestões de AF para as competições infantis. No presente estudo apenas um dos entrevistados sugeriu a possibilidade de utilização de três saques para os estágios Vermelho e Laranja. Várias outras adaptações funcionais poderiam ser utilizadas para modificar a dinâmica das competições, contribuindo e estimulando o desenvolvimento dos fundamentos técnico-táticos básicos. Particularmente na mudança entre os estágios, a permissão de utilização de um maior número de quiques da bola, ou de ajeitar a bola com a



raquete e, a seguir, passar a bola para a quadra oposta poderiam facilitar as condições de jogo para os tenistas em transição. Para os tenistas já consolidados em um determinado estágio, as AF poderiam ser feitas visando o desenvolvimento de jogadores com estilo completo. Dessa forma, a criação de regras simples (p. ex.: a obrigatoriedade de subir à rede ao menos uma vez por game, devolver todos os serviços com o *slice*, ter que finalizar o ponto com no máximo três rebatidas quando encaixar o primeiro saque) poderiam contribuir para isso.

Contrariando as recomendações da ITF,<sup>20</sup> os treinadores relataram que a idade não deveria ser o fator predominante para o estabelecimento das categorias competitivas. Baseado nas entrevistas verifica-se que os estágios competitivos devem ser determinados tendo como referência as capacidades momentâneas apresentadas pelos tenistas, independentemente da idade cronológica apresentada.

Poucos estudos têm abordado essa temática, assim sugere-se que outras formas de AE e de AF às competições sejam testadas, para que os impactos desses novos formatos no desenvolvimento dos fundamentos técnico-táticos básicos possam ser analisados.

## REFERÊNCIAS

<sup>1</sup>FUENTES GARCIA, Jean Pedro; MENAYO ANTÚNEZ, Ruperto. **Golpes del tenis: de la iniciación al alto rendimiento**. Sevilla: Wanceulen, 2009.

<sup>2</sup>ELDERTON, Wayne. Situation training: key to training in a game-based approach. **ITF Coaching and Sport Science Review**, London, v. 16, n. 44, p. 24-25, 2008.

<sup>3</sup>MARQUES, Antonio. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e educação. In: GAYA, Adroaldo; MARQUES, António; TANI, Go (Org.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 2004. p. 75-96.

<sup>4</sup>BUNKER, David; THORPE, Rod. The curriculum model. In: BUNKER, David; THORPE, Rod; ALMOND, Len. (Ed.). **Rethinking games teaching**. Loughborough: University of Technology, 1986. p. 7-10. Disponível em:

<<http://web.uvic.ca/~thopper/tactic/Model/CURRICULUMMODEL.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2015.



<sup>5</sup>CRESPO, Miguel; UNIERZYSKI, Piotr. Review of modern teaching methods for tennis. **Revista Internacional de Ciencias del Deporte**, v. 7, n. 3, p. 1-10, 2007. Disponível em: <<http://www.cafyd.com/REVISTA/00701.pdf>>.

<sup>6</sup>CORTELA, Caio Correa et al. Iniciação esportiva ao tênis de campo: um retrato do programa play and stay à luz da pedagogia do esporte. **Conexões**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 214-234, maio/ago. 2012.

<sup>7</sup>CÔTÉ, Jean; BAKER, Joseph; ABERNETHY, Bruce. Practice and play in the development of sport expertise. In: TENENBAUM, Gerson; EKLUND, Robert C. (Ed.). **Handbook of sport psychology**. 3. ed. Hoboken: Wiley, 2007. p. 184-202.

<sup>8</sup>MILISTETD, Michel et al. Análise da organização competitiva de crianças e jovens: adaptações estruturais e funcionais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 3, p. 671-678, 2014.

<sup>9</sup>INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION (ITF). **A guide to tennis 10's**. 2012. 6p.

<sup>10</sup>FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

<sup>11</sup>ERICSSON, K. Anders. The influence of experience and deliberate practice on the development of superior expert performance. In: ERICSSON, K. Anders et al. **The Cambridge handbook of expertise and expert performance**. Cambridge: Cambridge University, 2006. p. 685-705.

<sup>12</sup>CASSEPP-BORGES, Vicente; BALBINOTTI, Marcus A. A.; TEODORO, Maycoln L. M. Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. In: PASQUALI, Luís (Org.). **Instrumentação psicológica: fundamentos e prática**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 506-520.

<sup>13</sup>PAY + STAY: SERVE – RALLY – SCORE. Disponível em: <<http://www.tennisplayandstay.com/home.aspx>>.



<sup>14</sup>TENIS INTEGRADO. Disponível em: <<http://www.tenisintegrado.com.br/clube/index>>.

<sup>15</sup>DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.115, p. 139-154, 2002.

<sup>16</sup>BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 6. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

<sup>17</sup>MILLEY, Dave. Tennis: play and stay. **ITF Coaches Review**, v. 42, p. 2-3, 2007.

<sup>18</sup>MILLEY, Dave. Serve rally and score. The ITF tennis play and stay campaign and tennis 10's. **ITF Coaches Review**, v. 51, p. 3-5, 2010.

<sup>19</sup>NEWMAN, James. Why slower balls and smaller courts for 10 and under players? **ITF Coaches Review**, v. 51, p. 5-7, 2010.

<sup>20</sup>INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION (ITF). **Manual tennis 10's**. 2010. 89p.

<sup>21</sup>MARTENS, Stephen; De VYLDER, Max. The use of low compression balls in the development of high performance players. **ITF Coaches Review**, v. 42, p. 3-5, 2007.

<sup>22</sup>GALLAHUE, David L.; DONNELLY, Frances Cleland. **Educação física desenvolvimentista para todas as crianças**. 4. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

<sup>23</sup>PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 10. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

<sup>24</sup>BEE, Helen L.; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

<sup>25</sup>CORTELA, Caio Correa et al. Tenistas top 100: um estudo sobre as idades de passagens pelos diferentes marcos da carreira desportiva. **Pensar a Prática**, Goiania, v. 13, n. 3, p. 1-17, 2010.



<sup>26</sup>TENNIS CANADA. **Long term athlete development plan for the sport of tennis in Canada**. Canadá. 2011. Disponível em: <<https://www.tenniscanada.com/wp-content/uploads/2015/01/LTADallenglish.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2011.

<sup>27</sup>FARROW, Damian; REID, Machar. The effect of equipment scaling on the skill acquisition of beginning tennis players. **Journal of Sports Sciences**, London, v. 28, n. 7, p. 723 -732, 2010.

<sup>28</sup>KRÖGER, Christian; ROTH, Klaus. **Escola da bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2005.

<sup>29</sup>TENNANT, Mark. Red to orange... what does it really mean? **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 18, n. 52, p. 3-4, 2010.

<sup>30</sup>CRESPO, Miguel; MILEY, Dave. **Manual para treinadores avançados**. Londres: International Tennis Federation (ITF), 1999.

<sup>31</sup>TENNIS. **Athlete development matrix**. 2008. Disponível em: <<http://www.tennis.com.au/pages/default.aspx?id=4&pageId=12687>>. Acesso em: 25 abr. 2008.

<sup>32</sup>TENNANT, Mark. Appropriate competition for mini tennis. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 10, n. 28, p. 10-11, 2002.

<sup>33</sup>SILVA, S. **Tênis para crianças: manual para pais, filhos e mestres**. São Paulo: Via Lettera, 2003.

<sup>34</sup>KLERING, Roberto Tierling. **A formação do tenista de alto rendimento: o desafio entre as técnicas avançadas e os modelos estratégico-táticos**. 2015. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2015.



<sup>35</sup>HAMMOND, John; SMITH. Christina. Low compression tennis balls and skill development. **Journal of Sports Science and Medicine**, Turquia, v. 5, p. 575-581, 2006.

<sup>36</sup>LARSON, Emma J.; GUGGENHEIMER, Joshua D. The effects of scaling tennis equipment on the forehand groundstroke performance of children. **Journal of Sports Science and Medicine**, Turquia, v.12, 323-331, 2013.